

## A poesia de Álvaro de Campos

Não é apenas um heterónimo de Pessoa, ao mesmo título que Alberto Caeiro e Ricardo Reis – os únicos que, com ele, receberam esse estatuto. Além de ter tido, como os outros, uma vida e um estilo próprios, e, por isso, uma inteira independência face ao seu criador, Campos saltava do palco da ficção em que fora engendrado para o rés do chão da realidade e intervinha no dia a dia do seu duplo. Ofélia, a namorada com quem Pessoa jogou ao amor, teve que aturar a intromissão, para ela importuna, desse “Engenheiro” que às vezes se lhe dirigia em viva presença (ela contou que, em certos dias, Pessoa declarava, no início do encontro, que quem tinha ido nesse dia ter com ela era o Álvaro de Campos...). [...]

Campos é, de facto, Pessoa em mais intenso, mais interessante, com maior relevo, com mais picante. Como diz nas *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*: “Eu sou exasperadamente sensível e exasperadamente inteligente. Nisto pareço-me (salvo um bocado mais de sensibilidade e um bocado menos de inteligência) com o Fernando Pessoa”. [...]

Antes do “nascimento” do “engenheiro”, Pessoa planeou fazer um lançamento bombástico de Alberto Caeiro como sendo o maior poeta moderno [...]. Quando Pessoa concebe Campos como uma abertura à Europa e um desafio não só ao escandaloso Futurismo então em voga mas também a Walt Whitman (Pessoa sempre gostou de se medir com os seus modelos), enviou Caeiro para o Ribatejo apascentar as suas ovelhas-pensamentos e encarregou o Engenheiro de assumir todas as provocações da Modernidade, “ardendo com ter toda a Europa no cérebro”, como proclama na *Saudação a Walt Whitman*.

O “Engenheiro Sensacionista”, como a si próprio se intitulava, devia, pois – seguindo o exemplo de Caeiro, que proclamava seu mestre – transformar todos os seus pensamentos em sensações, reagindo aos intensos e numerosos estímulos da nova era das máquinas. Assim fez na *Ode Triunfal* que Sá-Carneiro considerou a obra-prima do Futurismo. [...]

Segundo a “evolução” (termo por Pessoa usado) da ficção “vida e obras do Engenheiro” por ele prevista, Campos teria passado do “poeta decadente, estupidamente pretensioso” que tinha sido antes de conhecer Caeiro, e de que Pessoa tentou dar a imagem ao escrever *Opiário*, já depois da *Ode Triunfal*, ao “engenheiro sensacionista”, autor das vibrantes odes que o deram a conhecer. [...]

Este Campos de amplo fôlego vai contudo calar-se pouco depois do desaparecimento de Sá-Carneiro, em 1916. [...]

Acabaram-se as gesticulações históricas, os espalhafatos verbais desse ser de palco que foi o “Engenheiro Sensacionista”, com modelos estrangeiros no horizonte que ele tentava superar. [...]

Já não temos o Campos voltado para o exterior, na sua fúria de encontrar “um caminho para a vida” mas uma personagem a sós consigo, encerrada nas quatro paredes de si própria, muitas vezes à janela, como em “Tabacaria” e em muitos outros poemas.

Nesta fase “metafísica”, Campos despreocupa-se inteiramente de ser moderno. Desembarca de todas as viagens e fixa-se em Lisboa, afinal seu “lar” – como para Pessoa e Bernardo Soares. A sua linguagem perde o amplo fôlego marítimo das grandes odes mas torna-se mais íntima, mais intensa e adquire toda a dramaticidade que faz dele o protagonista do “drama em gente”. [...]

A linguagem acompanha o desencanto da personagem, segue o ritmo da sua desistência de tudo, da sua apetência de nada.

